

ESPIRITISMO

Fragmento nº 2 do Livro das Revisões, do Padre Luiz Monte

A RAZÃO CIENTÍFICA DA FIGURA DO GÊNIO E DO TALENTO

* Padre Luiz Monte

O Cônego Nicolau Copérnico teve por pai um alto comerciante, em Thorn. Seu tio materno, Lucas Watzelrode, que exerceu influência na educação de Copérnico, era Bispo de Ermeland. Galileu era descendente de uma nobre e tradicional família florentina. Seu pai era conhecido matemático, Vicenzio Galilei, além de músico de renome.

Baruch Spinosa, igualmente. Os Spinosas eram abastados comerciantes. O avô de Spinosa era um grão rabino da comunidade judia de Amsterdam. Seu pai, abastado comerciante, perdeu a fortuna, foi por muito tempo, o “Warden” da célebre “Escola Judia” de Amsterdam e Presidente da Associação Judaica de Caridade da mesma cidade.

Hegel era filho de um “Revenue officier”. Sua mãe era primorosamente educada. Foi ela quem iniciou o filho no estudo das línguas clássicas, até que ele entrou no célebre colégio de Stuttgard. Looch teve como progenitor um pequeno proprietário. Exercia as funções oficiais de Procurador, no seu Condado. As suas idéias, afirmam historiadores, muito influenciaram na formação mental do filho.

Jorge Berkeley era o filho mais velho de William Berkeley, notável político, graduado em Oxford, governador colonial, na América. Maurício Berkeley, avô de Jorge, teve influência preponderante na política inglesa da época. Um irmão de Maurício, tio segundo de Jorge, foi o primeiro Lord Berkeley de Stratton, um dos proprietários das Carolinas. Aliás, os Berkeley constituem uma família notável pela nobreza – pelo Saber. Entre os descendentes notáveis conta-se Miles Joseph Berkeley, fundador da Psicologia inglesa.

Malebranche era o filho mais velho de Nicolau Malebranche, Secretário de Luis XIII, e de Catarina Lauzon, irmã do Vice-Rei do Canadá.

(Jonh Jakob) Berzelis, Prustley, Runfort, Kepler, Cláudio Bernard, Comte e outros tantos, apontados igualmente, não saíram dos “meios mais ignorantes”, como levemente se apregôa. Vê-se, pois, com quanta facilidade se avançam afirmações, que estão bem longe de corresponder à realidade dos fatos, no intuito de encontrar bases estáveis para uma hipótese lábil e inconsistente.

Além disso, não faz mal lembrarmos, que o fato de se ser filho de pai de profissão humilde, não justifica a afirmativa de que se descenda de um meio ignorante. E preciso, mais uma vez, distinguir inteligência, talento, de cultura. A inteligência não é privativa dos que desfrutam privilegiadas posições, na vida.

Como inteligência, um seleiro como o pai de Kant, ou um (...) como o pró-genitor de Prustley, podem ser muito mais inteligentes do que um

universitário. O que lhes faltava, era cultura. Poderia insinuar que, se realmente fossem inteligentes, não teriam permanecido na humildade daqueles ofícios grosseiros. Isto nada prova, porque, como já foi dito, o talento precisa de um ambiente. Sem essa ambiência, o maior gênio perecerá obscuro. Todos sabemos que as faculdades psicológicas do indivíduo são muito mais influenciadas pelo ambiente social e educacional, do que os morfológicos e fisiológicos pelos fatores mesológicos.

É justamente, nesse critério mal seguro, que os apressados propugnadores da Reencarnação procuram firmar as suas imaginosas hipóteses.

É isso mesmo, nem sempre acontece. Essa mesma base mal segura, muitas vezes, falta por completo, com visível desrespeito para com a verdade, fazendo sair de “meios os mais ignorantes” personagens que, na realidade, tiveram boa linhagem intelectual. Pelo que, é preciso cautela por parte do público, inclinado que é a aderir a uma verdade, sem se preocupar com a sua verificação. As inverdades, quando muitas vezes repetidas, chegam a se impor com o prestígio de uma verdade evidente. Pelo que, o argumento não colhe, nada prova. Para que ele pudesse ter alguma forma persuasiva, era-lhe preciso ficasse provado, não que fossem de profissão humilde, mais que fossem verdadeiramente ignorantes, curtos de inteligência e de mentalidade acanhada, os progenitores dos homens geniais e talentosos.

Há, pois, uma herança psicológica, como há uma herança morfológica e fisiológica. Disto não é preciso inferir, que sejam transmissível pela herança os conhecimentos intelectuais adquiridos. Coisa alguma adquirida, seja de natureza morfológica, seja de caráter fisiológico, se transmite hereditariamente. Um matemático não transmite ao filho a matemática aprendida, como o músico não passa a seus descendentes a sua cultura musical. Não. O que se transmite são as condições morfológicas ou “tendências” fisiológicas, condensadoras de talento musical ou matemático. O transmissível são, apenas, as aptidões; estas encontrando ambiente propício, desenvolvem-se; mas, sem essas aptidões inatas, transmissível pela herança, jamais se chegará a ser bom músico ou tolerável matemático.

Firmando-se as bases hereditárias das faculdades psicológicas, a Ciência não tem em mira fundamentar uma tese materialista. A solução do problema não implica no sacrifício da espiritualidade da alma. Não! Se bem que o pensamento não seja uma função do sistema nervoso o cérebro não pode deixar de ser o órgão das “condições do pensamento”. Unida ao corpo, a alma não pode pensar sem o cérebro. Para atinarmos com essa impossibilidade, basta lembrar que toda idéia supõe uma imagem. Não há pensamento, sem imagens sensíveis. Por um lado a imaginação é uma faculdade sensível (sensitiva?) e por outro, os centros coordenadores das imagens residem no córtex cerebral. Daí a razão por que, lesados os centros cerebrais, dão-se perturbações mais ou menos acentuadas, nas

funções psicológicas. Assim se compreende por que, herdadas que sejam, certas disposições morfológicas e fisiológicas do cérebro, se herdem com elas, aptidões psicológicas. E foi justamente, o que veio a experiência confirmar. Já não se tem o direito de ignorar que, pelo menos, muitos dos atributos psíquicos são tipicamente transmissíveis pela herança, consoante as leis mendelianas.

A inteligência, o gênio, na acepção acima, o talento artístico, a aptidão literária, a inclinação mecânica são caracteres que se ajustam bem às normas hereditárias, segundo o mendelismo. Uns são dominantes, outros são recessivos. A imensa maioria, porém, dos atributos psicológicos é francamente recessiva.

O talento musical, como o talento artístico, em geral, a aptidão matemática, a inclinação mecânica e outros tantos gozam de recessividade. Nisto se deve buscar a razão por que se vêem surgir, como criação exótica, num terreno intelectualmente mal preparado, verdadeiras revelações de talento e de arte. Ora, são meninos, que mal sabem ler, mas que executam já, com relativa segurança, trechos de genialidades musicais; ora, surge o modelador precoce de figurinhas de barro, ou um colorista, com espontânea inclinação para a pintura; ora, um declamador, que interpreta trechos, cujo sentido mal compreende, ou um intérprete exímio de emoções e sentimentos; ora, um construtor de brinquedos, revelando habilidade mecânica muito além da própria idade; ora, um tribuno improvisado; enfim, tantas outras precocidades, que se nos deparam na vida social. Todos esses fatos, porém, não exigem, em absoluto, uma solução preternatural. Estão perfeitamente enquadrados na lei da recessividade de Mendel. Para nos tornar mais claro, para os que não estão familiarizados com as leis da Genética, vejamos de passagem, em que consiste a recessividade, no conceito mendeliano. Tomemos um exemplo a mais: a surdo-mudez é um mal hereditário de caráter recessivo. Essa recessividade pode permanecer latente, durante muitas gerações, sem que nenhum descendente apresente esse defeito hereditário. O mal aparece somente, quando um membro da família, possuidor do genes da surdo-mudez em recessividade, se reunir a um outro possuidor do mesmo genes. Na descendência desse casal, aparentemente sãos, aparecerá fatalmente surdos-mudos. Isto se dará por mais remota que seja a recessividade. A um leigo em Genética, pode parecer estranho, que um casal, aparentemente são, filhos de pais e avós igualmente sãos, venha a ter um filho surdo-mudo. Para os que se familiarizaram com a lei da Genética, esse fato não tem de esporádico e caprichoso. É que ambos os genitores deviam ter algum surdo-mudo, em sua ascendência, mais remotamente que seja. Um rapaz do Norte, por exemplo, remotamente descendente de uma família, em cuja ascendência houve um caso de surdo-mudez, emigra para o Sul. Lá contrai núpcias com uma moça descendente de um surdo-mudo, que veio para o Brasil no tempo de Tomé de Souza. Esse casal poderá ter a triste surpresa de procriar um filhinho surdo-mudo! Para eles, o caso parecerá absurdo e caprichoso, ignorantes

que estavam da existência daquela tara mórbida, na ascendência de ambos. É justamente o que se dá com freqüência. Por serem remotos esses ascendentes, muitas vezes não são facilmente identificados. A pesquisa, na imensa maioria dos casos, não passa de duas ou três gerações ascendentes: pais, avós, bisavós, quando na realidade a tara mórbida recessiva pode localizar-se em uma geração ascendente muito mais remota. Daí, o falso suposto da sanidade da ascendência. Isso nos leva a razão por que, muitas vezes, no seio de uma família sadia, surgem casos intrigantes de anomalias fisiológicas(?) aparentemente absurdas. É que esses caracteres mórbidos recessivos podem viver latentes, escondidos nas heranças biológicas de série inteira de gerações, e latentes permanecem até que dois genes homólogos se conjuguem. Surgirá, então, a triste eventualidade.

Daí, se ver, sem esforço, que as doenças recessivas são muito mais difíceis de ser evitadas. O indivíduo portador do genes mórbido em recessividade, aparentemente, se apresenta em perfeita saúde. A tara mórbida recessiva de que é portador, será somente notada, no dia em que contrair matrimônio com um portador do mesmo genes, igualmente em recessividade. Se não contraísse matrimônio com indivíduo possuidor do genes homólogo ao seu, passaria toda vida, como de perfeita sanidade.

Ora, o que se dá com a herança mórbida, acontece igualmente com as qualidades de ordem psicológica. Há uma herança psicológica, como existe uma herança morfológica. Os atributos intelectuais, dentro de um certo limite, herdam-se como se herdam as anomalias fisiológicas. Como estas, os caracteres psicológicos apresentam-se, ora como dominantes, ora como recessivos. Daí, o motivo porque se vêem surgir esporadicamente casos de determinadas precocidades, no seio de famílias, intelectualmente humildes e mal dotadas.

Em virtude do caráter recessivo do talento e do gênio, em relação à inteligência mediana duas ordens de fato se apresentam espontâneos. Por um lado, nada tem de extraordinário o fato de o genitor talentoso ou genial procriar um filho de medíocre capacidade intelectual. Para que uma prole seja dotada de qualidades excepcionais de talento, é preciso que ambos os pais sejam talentosos ou geniais, condição essa que raramente se verifica. De dois genitores intelectualmente dotados, resultaria uma descendência, na sua maioria, talentosa. Além disso, vê-se que não se pode concluir que todos os filhos sejam bem dotados intelectualmente, só pelo fato de serem descendentes de pró-genitores talentosos. Nada, pois, mais consoantes com as leis mendelianas da herança, que o fato, aparentemente absurdo, de pais geniais ou talentosos procriarem filhos mediocres.

Em razão da recessividade, os filhos de pais bem dotados se distribuem numa dupla categoria: os igualmente talentosos, como os pais, e os intelectualmente medianos. Entre estes últimos, e nisto é que esta o caráter recessivo, alguns são, de fato, medianos; outros, porém, são medianos mas, possuem latentes os genes de um formoso talento, que explodirá, no dia em que esses genes entrarem em conjugação com outro

genes homólogo. Por outro lado, nada menos extraordinário do que os casos de filhos talentosos e geniais poderem descender de pais, intelectualmente medíocres. Para isto, basta que ambos os genitores possuem os genes, embora latentes ou recessivos condicionadores de talentos ou de genialidade. Sendo, como temos interadas vezes repetido, o talento e o gênio de caracteres psicológicos recessivos, podem permanecer em recessividade, durante gerações sucessivas, sem que nenhum descendente apresente traço algum de talento ou de genialidade. No dia, porém, em que, um sujeito aparentemente medíocre mas que possui em recessividade o genes condicionador do talento, casa-se com uma mulher medíocre, mas igualmente portador do genes homólogo, dessa união de progenitores igualmente medíocres, poderá surgir um formoso talento, ou mesmo uma inteligência genial. E isto dentro das mais rigorosas exigências das leis da Genética. Não é, pois, preciso apelar para o Além para explicar fatos tão corriqueiros. Que ...

Nas aparências, a genialidade e o talento poderão parecer um efeito sem causa. Como é possível que, de ascendentes, pais, avós, bisavós, etc. medíocres surja uma inteligência genial? Para os desconhecedores da Genética poderá parecer isso extraordinário e insólito. O fato nada tem de extraordinário e muito menos de sobrenatural. Apenas, os genes condicionadores da genialidade ou do talento se mantiveram em recessividade na família dos progenitores, até o dia em que se deu o encontro do genes de um progenitor com o do outro, ficando em homozigose no filho genial.

Esta é geralmente, a gênese do gênio ou do talento, esse encontro fortuíto de genes homólogos recessivos, ocultos e sumidos nas heranças biológicas.

Há, pois, não obstante as aparências em contrário, na ascendência de todo homem de gênio ou de talento, um ascendente, por mais remoto que seja, superiormente dotado, sob o ponto de vista intelectual. Nem sempre essa superioridade intelectual é identificada. Isto por duas razões: primeiro, por defeito de pesquisas, que se reduzem, quase sempre à primeira e segunda gerações; depois, por falta de ambiente propício à sua manifestação, a genialidade passa despercebida. Este último é um caso muito mais comum do que se pensa. Daí, a razão profunda de serem tão raros os verdadeiros gênios, quando na realidade deviam ter eles se multiplicados intensamente, na evolução da Humanidade. Para a eclosão do genes, o fatores ambientes valem quase tanto, quanto a herança biológica. Aqui, ambiente toma-se na acepção de tudo quanto possa servir de fator de “reação” para a herança biológica: educação, meios materiais, influencia social, etc. Newton, apesar de todos as condições biológicas favoráveis, não teria sido o Newton genial se tive nascido e educado, numa aldeia perdida das estepes russas, por exemplo. Contrariamente, quantos outros possuidores da genialidade de um Newton, não tendo ambiente favorável à manifestação do genes, se apagam como mediocridades. Napoleão não teria sido um gênio, se em vez de ingressar numa Escola

Militar, se tivesse matriculado, numa Faculdade de Medicina. Enfim, o genótipo não é suficiente para o gênio; este requer um “excitante” para a herança biológica, um ambiente.

(Herança, mais ambiente igual a fenótipo) Referindo-se a Newton, Mitchell diz com acerto: (Hereditariedade e Eugenia, pág. 114).

Vê-se com clareza, por que nem sempre com facilidade se pode descobrir, na linhagem dos talentos e dos gênios, antecedentes que justifiquem essas pujantes manifestações de inteligência. Pouco importa que Kant, por exemplo, seja filho de um seleiro ou de uma mãe analfabeta, e tenha tido um irmão aparvalhado, ou que Gaus tenha tido por pai um pedreiro(?). Nada disso invalida o “postulado biológico” dos gênios hereditários.

A idênticas conclusões chegaram, em relação à habilidade mecânica, ao talento literário, à aptidão matemática, à inclinação para pintura.

Para ver a Herança: os Bernoulli, pág. 108, os Strauss, na música, os Darwin. Para a deficiência mental, pág. 108.

Separata do vol. nº 11, da Antologia do Padre Monte – Pesquisa de Jurandyr Navarro.